

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - FATOR DE INCLUSÃO E CIDADANIA

* Christiane Accioly Lins Brito

* Divaneide Matos de Andrade

* Maria Ilma Costa Campos

RESUMO: Educação de jovens e adultos é um processo transformador, que visa refletir o papel do ensino para jovens e adulto. Observar, para tanto, características pessoais do aluno adulto para sentir suas prioridades no aprender. Ir ao mundo das letras sem modificar seu acervo de vida. Uma amostragem paralela do "antes" e "depois" da escola na sua vida permitiu observar os pontos mais importantes de como se poderia conduzir esse tipo de trabalho educacional: alfabetização de jovens e adultos.

Palavras chaves: alfabetizar, alfabetizando, ensino e aprender, cidadania, inclusão.

INTRODUÇÃO

Os termos alfabetizar e alfabetização na educação são de grande abrangência. Assim ninguém pode afirmar ou se considerar completamente alfabetizado. Sempre se é analfabeto em alguma coisa. Ao longo de sua trajetória de vida o indivíduo consciente, ou até mesmo, inconscientemente vai adquirindo conhecimentos, aqui considerados, dentre de um, dos vários significados de alfabetizar, como um contínuo processo de adquirir "o saber", ou simplesmente um contínuo processo de alfabetização: Existe, hoje, uma realidade ansiosa de se levar o conhecimento e assim uma séria questão permeia o mundo daqueles que se apresentam como leigos, quando se leva em conta a época e as condições sociais de cada região, logo o se fazer alfabetização no Brasil é realizar árduas e minuciosas tarefas que dependem de pesquisas e metodologias adequadas e próprias. Os métodos para se empregar a alfabetização são tantos, e todos com objetivos claros para a aquisição das Letras. Romper as barreiras, as limitações que convergem entre o ponto do saber e não saber ler, escrever e contar (matemática) é o pensamento concreto.

A concepção ilusória de que se vai encontrar uma mente pura, pronta para ser moldada com os aspectos de uma única proposta para muitos, faz com que tudo chegue pronto, apenas para a execução. Mas a realidade é outra e quando se vive essa realidade percebe-se que as propriedades de se alfabetizar um indivíduo com uma longa caminhada de vida, são fortemente diferentes.

Idéias e propostas prontas acabam de um ou outro modo, se tornando descontextualizadas e artificiais. A alfabetização espontânea, já existente, fica afetada e a consciência lingüística que eles já têm torna-se um artefato paralelo. É indiscutível e de grande importância à questão de se levar em consideração todo acervo de linguagem e de visão de mundo que cada indivíduo já possui. É um mundo de significados que até então formaram seu mundo de conhecimentos e o tornou capaz de existir enquanto indivíduo social.

A reflexão sobre a realidade de cada alfabetizando sobre o universo onde está inserido, sobre o seu social e o seu psicológico, pode ser vista não só como alguém que não conhece o mundo das Letras, mas como alguém que já conhece o mundo, sob o prisma dos conhecimentos experimentais de vida, poderia ser o ponto chave para o sucesso do ensino.

Em 1988, depois de um debate envolvente de todos os setores da sociedade (brasileira), foi promulgada a constituição da República Federativa do Brasil. A Carta Magna torna-se um marco na história político brasileira, quando em seus artigos são fortalecidos os princípios da democracia. A

Constituição Federal norteia todas as ações que permitiram novos valores sobre políticas públicas que venham produzir dificuldade humana para o povo brasileiro. O compromisso para formação de uma sociedade forte e mais justa terá como alicerce a educação, que tem um tratamento específico exposto na nova LDB nº. 5354/96.

Observe o que diz o poeta Carlos Drummond de Andrade, no poema:

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra; tinha uma pedra no meio do caminho; tinha uma pedra; no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento; na vida de minhas retinas tão fatigadas

Nunca me esquecerei que no meio do caminho; tinha uma pedra; Tinha uma pedra no meio do caminho; no meio do caminho tinha uma pedra.

O poeta Carlos Drummond de Andrade escreve: que há “uma pedra no meio do caminho”... Podemos metaforicamente dizer que “há uma pedra no meio do caminho” que impossibilita a construção dos homens e mulheres emancipados ou como diz Paulo Freire, (2005) homens e mulheres autônomos; esta “pedra” é o analfabetismo. A partir da década de 30 com o advento do movimento da pioneira da Educação Nova, estará sempre em pauta nos projetos governamentais (federal estadual e municipal). A questão da alfabetização dos milhões de jovens e adultos brasileiros, programas e programas surgiram: a alfabetização proposta por Paulo Freire a partir da década de 50, juntamente com o MEB (movimento da Educação e Base) da igreja católica que em Sergipe teve como seu maior incentivador o 2º bispo da Arquidiocese de Aracaju D. José Viante Távora, infelizmente proposta de políticos corretos que foram abordados com a Ditadura civil-militar, de Abril de 1964; O MOBRAL, o retorno da Redemocratização com a alfabetização solidária, o MOVA de São Paulo, na gestão do secretário de Educação do governo municipal de Luiza Erondina, Paulo Freire, a proposta do atual governo federal com o Brasil alfabetizado, e do MOVA em Sergipe com o programa “Sergipe Cidadão do 3º governo de João Alves Filho. Todos estes programas não tiraram a pedra do caminho continuamos com homens e mulheres analfabetos em pleno século XXI, considerado o século do conhecimento.

Mesmo com todos esses programas, o tão sonhado ensino para jovens e adultos, que caminha desde longa data na tentativa incansável de uma solução centraliza-se aqui como a ponte, não intransponível, mas cheia de (percalços), mostra que as políticas e/ou propostas para sanar o analfabetismo nunca foram em vão, de cada uma que nascia ou morria alguma coisa boa ficou. Talvez o que mais tenha ficado aberto foi a falta de equilíbrio entre escola/ensino e trabalho/homem. O equilíbrio deixa mais sutil o ato de realizar e dominar as mais diversas problemáticas que o conhecimento, ou melhor, que o ato de conhecer o novo, pela escola, possa trazer a cada indivíduo. Esse equilíbrio deveria ser o controlador no tão almejado processo de transformação para a cidadania. De acordo com Magda Soares (...) à natureza complexa do processo de alfabetização, com suas facetas psicológicas, psicolinguísticas, sociolinguísticas e linguísticas é preciso acrescentar os fatores sociais, econômicos, culturais e políticos que o condicionam. Uma teoria coerente da alfabetização só será possível se a articulação das várias facetas do processo for contextualizada social e culturalmente e iluminadas por uma postura política que resgate seu verdadeiro significado. (Soares, 2003, p. 23.).

A autora ainda afirmar que o processo de alfabetização, na escola, sofre talvez mais que qualquer outra aprendizagem escolar, a marca da discriminação em favor das classes socioeconômicas privilegiadas.

A escola valoriza a língua escrita e censura a língua oral espontânea que se afasta muito dela. (Soares, 2003, p. 23).

Daí então observar-se que com medo de se expressar, com receio dos aspectos diferentes de sua linguagem oral, o adulto sente-se oprimido, e o aprendizado torna-se ineficiente.

Assim, este artigo quer refletir sobre a educação de jovens e adultos com fator de inclusão e cidadania. Acreditamos como educadores nas palavras proféticas do Freire: “Um educador é um fundador de mundos mediados de esperanças, pastor de projetos”. (FREIRE, 1985, p. 40) A pretensão reside em refletir sobre a educação de jovens e adultos como “focus” de possibilidades e de utopia que finalmente quer tirar “a pedra” do caminho que dificulta a aprendizagem de jovens e adultos rumo ao conhecimento.

A Inclusão de jovens e adultos, que ainda não sabe ler e escrever, em um processo regular de ensino e aprendizagem se dá por meio do EJA que tem o papel de trabalhar essa inclusão sem maiores danos na formação de cada indivíduo, trabalhando no sentido de auxiliar para que cada jovem e adulto possa desenvolver o seu potencial enquanto pessoa e cidadão participante da sua comunidade social, da sociedade brasileira e do mundo.

Com uma reflexão a partir de questionamentos do que é alfabetizar e de como fazer para que a alfabetização seja elemento de inclusão social e cidadania. Partimos do pressuposto de que às necessidades básicas de ensino e aprendizagem de cada um do alfabetizando vai se construindo por meio de novos conhecimentos que se dá pela aquisição da leitura e escrita por parte desses jovens e adultos em fase de alfabetização tendo como base de sustentação políticas públicas de Educação de Jovens e Adultos - EJA, como ressalta Madalena Freire: “O Educador educa a dor da falta, cognitiva e afetiva, para a construção do saber. É da falta que nasce o desejo. Educa a aflição da tensão da angústia de desejar. Educa a fome do desejo.” (Madalena Freire 1992, p. 38).

Compreende-se a alfabetização como objeto de construção da cidadania e como fenômeno humano, o qual, construído por situações sócio-históricas, que permite visualizar a possibilidade de participação na busca do direito e não como reposição ou resgate de uma oportunidade perdida. Por longo período, a alfabetização de jovens e adultos ficou à margem do processo educativo, sendo que o conhecimento escolar era valorizado enquanto a história e o saber social do trabalhador eram negados. A nova LDB brasileira permitiu que se vislumbresse uma alfabetização de jovens e adultos com autonomia e cidadania, capaz de atender às necessidades, de promover a apropriação de conhecimento, de garantir a interação na sociedade letrada e de facilitar a verdadeira inclusão social. Processos de aprendizagem da leitura e da escrita que comprovam ser a reflexão, a estratégia, necessária para o indivíduo se alfabetizar.

A alfabetização é fruto de uma série de estímulos e solicitação do meio. Porém, devem-se levar em conta as condições sócio-históricas em que a aprendizagem se produz e analisar o indivíduo como construtor autônomo do conhecimento e a função de mediação exercida pelo professor, evidenciando a dinâmica das relações interpessoais que atuam na elaboração do conhecimento da leitura/escrita. Somos diferentes uns dos outros em todos os pontos de vista. Cada um de nós possui um pensamento e formas diferentes de aprender. Isso remete a mudanças profundas em toda a instituição escolar e no pensamento coletivo dos professores; precisa-se cada vez mais trabalhar reflexivamente e, juntos, construir o pensamento para que os alunos não se sintam fracassados nem marginalizados. Leitura e escrita são processos de aprendizagem que exigem desempenho, compromisso, dedicação, desejo e crença para ensiná-los e aprendê-los. Logo, exigem esforços do educando e do educador.

A Responsabilidade Social que é pertinente a todos nós, atores da sociedade em que vivemos devem ser sempre pautados primeiramente pelos Governos Municipais, Estadual e Federal, a quem compete

garantir o direito à Educação rezada em nossa Carta Magna; às empresas públicas e privadas e às entidades do Terceiro Setor (Organizações da Sociedade Civil), a quem cabe uma quota dessa responsabilidade, colaborando para o desenvolvimento que o nosso país tanto precisa e do quais todos seremos beneficiados. Fica para nós esse desafio: basta consciência de nação e boa vontade de cada um de nós.

Conforme o poema “Momento” de Torres:

Temos pressa; Esperamos demais; Nossa luta continua; não pode ser em vão; Ganhamos batalhas; queremos mais... O amor é a estratégia, a esperança, a força, o jogo limpo, a solidariedade que apóia a cidadania que faz crescer; Não há mais retirada; Avançar! O progresso - humanizar; Temos pressa, esperamos demais; No cérebro, planos; No coração, a arma; Nas mãos, a bandeira erradicar a ignorância, retirar cabrestos, politizar com a ética, solidarizar com cidadania; Eis o momento! (Torres, 2.002, p. 64).

Podemos observar que muitos jovens e adultos têm preconceito e aversão por escolas anteriormente freqüentadas, pois a superação da construção é um ato que concebe através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, dos homens, simultaneamente, onde cada indivíduo criam a história e se fazem seres histórico-sociais, sugerindo a necessidade do uso das experiências anteriores dos alunos para levá-los à integração ao novo mundo.

Dessa forma, tanto inclusão como cidadania são elementos que precisam de sustentação, a educação é o veículo que dá condições para esses pressupostos partindo da concepção de formar cidadãos atuantes e críticos, participativos de sua comunidade sendo sujeito atuante. A inclusão permite o indivíduo participar da cidadania como um todo, uma vez que sua auto-estima, sua personalidade e seus valores foram resgatados por intermédio da alfabetização.

Por sua vez, proporcionaram excelente aprendizagem; conscientizaram sobre o valor da vida. Enfim, proporcionaram autonomia e criatividade suficientes para fazer experiências, vivências e os conhecimentos do seu mundo. Nesse mesmo sentido, trás realidade de cada aluno, favoreceram a alfabetização, transformando seu ambiente que por sua vez é estimulador da aprendizagem e proporcionam a interação com o mundo da escrita.

Assim, a alfabetização deixou de ser um processo individualista e solitário para ser inter-relação. A valorização dos conceitos, das palavras e das experiências de vida do educando, o interesse de cada um na busca por caminhos capazes de ampliar seus conhecimentos, o trabalho coletivo, deu um novo enfoque à alfabetização desses jovens e adultos. As propostas pedagógicas aplicadas favoreceram o processo de alfabetização e levaram à descoberta de uma nova forma de promover a construção do processo ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa rápida reflexão sobre o EJA - Educação de jovens e adultos - Fator de inclusão e cidadania, pode concluir que a educação ocupa lugar central na construção da cidadania e da prática pedagógica, ao longo do tempo, tem contribuído de forma significativa para a extensão da educação formal para todos e, de outro lado, para a formação social, política e profissional, sobretudo de jovens e de adultos. Aos educadores, cabe buscaram e buscam não desvincular a sua prática educativa e, a partir dela, refletir sobre seu mundo em busca de maior consciência dos problemas e de solução para eles.

As lutas pela ampliação das oportunidades educacionais, e de alguns direitos negados, como saúde, moradia, saneamento básico, emprego e outros, empreendidos pelos movimentos sociais populares,

têm sido essenciais, no sentido da construção de uma sociedade mais humana e mais justa. Vivemos em um momento de ampliação das desigualdades sociais e do processo de exclusão social no país, que atinge cada vez mais os setores menos privilegiados da sociedade, implicando em dificuldades por esses setores em relação ao acesso ao processo de escolarização e à permanência com sucesso no mesmo.

Milhões de jovens e adultos, que apesar de todos os esforços que vêm se efetivando nas várias esferas, sejam governamentais ou não, continuam à margem da escola ou, dentro dela, sem aprender, ou, ainda, aprendendo, mas não sabendo o que fazer com o que aprenderam em seu processo de escolarização, por terem sido obrigados a estudar conteúdos sem significação para suas vidas. Assim, ainda é mais do que necessário uma concepção popular de educação, comprometida com a construção de uma sociedade vinculada aos interesses e a emancipação das classes populares.

A prioridade desse trabalho foi desenvolver a consciência crítica dos alfabetizandos aumentando o acesso dos alunos às informações de relevância para a construção de sua cidadania ao passo, que pretendeu oferecer ao alfabetizador instrumento que lhes possibilitasse conduzir suas aulas de forma mais criativa com uma prática pedagógica voltada para o desenvolvimento intelectual dos jovens e adultos que outrora foram excluídos do processo educativo regular.

Para tanto o objetivo é o continuo aperfeiçoamento e adequação da nossa proposta às necessidades dos alfabetizandos. Nossa finalidade é desenvolver cidadãos críticos e participativos e não apenas indivíduos letrados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Pedagogia de a Autonomia: Saberes necessários a prática educativa** 31ª edição Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Madalena. **Cadernos pedagógicos: observação, registro e planejamento**. São Paulo, Espaço Pedagógico, 1992.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

TORRES, Maria do Rosário Veiga. **Soma**. Goiânia: Gráfica e Editora Vieira, 2002,